
LUTA POR RECONHECIMENTO ENTRE OS CAMPONESES SEM TERRA NO ALTO-SERTÃO
DAS ALAGOAS – O CONFLITO SOCIOAMBIENTAL COMO POSSE POLÍTICA DA TERRA

LUTA POR RECONHECIMENTO ENTRE OS CAMPONESES SEM TERRA NO ALTO-SERTÃO
DAS ALAGOAS – O CONFLITO SOCIOAMBIENTAL COMO POSSE POLÍTICA DA TERRA

LUTA POR RECONHECIMENTO ENTRE OS CAMPONESES SEM TERRA NO ALTO-SERTÃO
DAS ALAGOAS – O CONFLITO SOCIOAMBIENTAL COMO POSSE POLÍTICA DA TERRA

Wellington Amâncio da Silva¹

Feliciano Mira²

RESUMO: Este artigo analisa os conflitos socioambientais como categoria política de reivindicação de terra a partir das experiências de assentamentos do MST no alto-sertão das Alagoas, em Delmiro Gouveia. Buscou-se relacionar este modo de interação ambiental com a literatura sobre conflitos socioambientais (BORSZTYN, 2001, 2008; LITTLE, 2001, ZHOURI, 2006, 2008), na perspectiva de posse da terra, dos conflitos de visões e práxis sobre a terra como meio ambiente de subsistência, de produção material, de cultura e de sentidos outros. Entrevistaram-se alguns protagonistas entre os trabalhadores rurais e fez-se um levantamento através de questionários com uma parcela da sociedade não envolvida com o MST no intuito de traçar um panorama sobre o que é a terra como meio ambiental e a luta pela terra como política ecológica (LITTLE, 2006) em seus aspectos de política socioambiental.

Palavras-chave: Conflitos socioambientais; MST; política ecológica; Ecologia Humana.

Abstract: This article examines the environmental conflicts as a political category of land claims from the experiences of MST settlements on the high backcountry of Alagoas state, in Delmiro Gouveia. We tried to relate this environmental interaction mode with the literature on environmental conflicts (BORSZTYN, 2001, 2008; LITTLE, 2001; ZHOURI, 2006, 2008), held perspective of land, conflicts of views and practice on the ground as the environment of subsistence, material production, culture and other senses. We interviewed some actors among rural workers and made a survey through questionnaires with a portion of the company not involved in the MST in order to draw a picture about what is the land as a means environmental and the struggle for land as policy ecological (LITTLE, 2006) in its aspects of social and environmental policy.

Keywords: socio-environmental conflicts; MST; environmental policy; Human Ecology.

Introdução

“E ao habitar o lugar somos habitados pelas respostas que esse território oferece. E ao comparar sobre as realidades das planícies do Alentejo, das savanas de Moçambique ou da caatinga Nordestina, descobrem-se retalhos da *terrae incognitae*, os lugares mais subjectivos da Casa”. Feliciano de Mira

Alguns municípios de Delmiro Gouveia³, no sertão alagoano, é foco de intensos conflitos políticos socioambientais do tipo fundiários, onde a *fonte dos conflitos*⁴ é a terra em sua dimensão de lugar de habitar e fonte de recursos. Além de conflitos envolvendo a demarcação de terras de comunidades tradicionais, como índios e quilombolas, a região tem sido palco de ocupações e protestos promovidos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) entre outras organizações de luta pela reforma agrária, como um *tipo de população*⁵ característico dessas reivindicações. A partir do tipo de reivindicação dos Trabalhadores Rurais Sem Terra buscamos relacioná-lo ao estudo dos conflitos

socioambientais, considerando a terra como *a base geocológica da habitação da produção*, e dos *sentidos socioculturais da existência* e o foco das reivindicações políticas e socioambientais desse grupo social. Em muitos aspectos no caso do MST, temos o que Little (2006) chamou de *ecologia política*, campo que é fruto de um diálogo intenso entre as disciplinas da biologia, da antropologia, da geografia, da história e da ciência política (p. 86).

A região do semiárido nordestino em Alagoas é dominada política e socialmente por grandes proprietários rurais, latifundiários e fazendeiros monocultores⁶ - alguns acostumados a manter seus domínios, sob o jugo do emprego da força, apesar de que as forças políticas e administrativas corroboram para beneficiar os latifúndios (BURSZTYN, 2008, p. 32). Os episódios de violência, com significativo saldo de mortos e feridos entre militantes dos movimentos sociais, são frequentes e se conjugam com ações arbitrárias das autoridades locais e a impunidade dos autores e mandatários dos atentados, identificando o elevado nível de intensidade dos conflitos⁷. A violência e a arbitrariedade de um lado e, de outro, a precariedade dos assentamentos acabam por criar condições para a propagação de doenças que impactam diretamente sobre a saúde dos trabalhadores rurais e respectivas famílias⁸. Em meio a tudo isso, sabemos, há um modo próprio de assentar-se a terra e nela produzir, conviver, existir. Este modo próprio é, digamos, determinado tanto pelo meio ambiente sobre o homem como das suas tentativas sustentáveis e experiências exitosas sobre o meio, naquilo que se configura como “tecnologias” de convivência com o semiárido – bioma propriamente nordestino sob um fator determinante, (fenômeno próprio do interior das Alagoas, no município de Delmiro Gouveia), isto é, a ecologia humana das comunidades rurais nos povoados localizados na caatinga, mas próximos do Rio São Francisco requer uma abordagem nova em face dos conflitos socioambientais que aí se configuram.

Itinerário de pesquisa

A “ecologia humana” aplica os métodos da ecologia para as sociedades humanas (HAWLEY, 1950). Em nosso caso, tomando-a na acepção de Moran (1999, 2008, 2009, 2010, 2011), como “as interações homem/natureza”, a ecologia humana dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Brasil é a ecologia do conflito e da reivindicação política da terra como ecossistema incontornável para a sustentação do seu modo de interagir com o ambiente⁹. Nesse aspecto, os conflitos socioambientais próprios desse grupo multifacetado de trabalhadores rurais - com suas diversas maneiras de interagir com o ambiente visando sua subsistência e produção (agricultura familiar) -, requer uma abordagem diferenciada e cautelosa que se distancie de generalizações e simplificações políticas. Nesta tentativa, entrevistaram-se alguns protagonistas entre os trabalhadores rurais e fez-se um levantamento através de questionários com uma parcela da sociedade não envolvida com o MST no intuito de traçar um panorama sobre o que é a terra como meio ambiente e a luta pela terra como política ecológica (LITTLE, 2006) em seus aspectos de política socioambiental.

O conflito ambiental em questão

O conceito de “socioambiental” define a existência de vínculos profundos, em tempo e espaço, do homem com o meio ambiente, através atribuições de significados ecológicos e das práticas de convivência e de interações diversas e em vários níveis com o lugar, e ainda, da sua articulação. Nessa perspectiva, também “o conceito socioambiental engloba três dimensões básicas: o mundo biofísico e seus múltiplos ciclos naturais, o mundo humano e suas estruturas sociais, e o relacionamento dinâmico e interdependente entre esses dois mundos” (LITTLE, 2001, p. 107). Num sentido menos filosófico, por vias políticas, sociais e culturais¹⁰ o socioambiental é uma característica própria desta interação homem/ambiente daquilo que se configura como aquilo “que os distintos sujeitos sociais sustentam sobre os espaços comuns de recursos” (ZHOURI, 2008, p. 98).

Deste modo, no âmbito do socioambiental, o conflito é suscitado quando a permanência ou manutenção de vínculos com o meio ambiente por parte das comunidades são ameaçadas; isso pode ocorrer, a partir de uma possível ausência da convivência pacífica entre grupos, isto é, entre choques de alteridades advindos de interesses sobre o meio ambiente, especialmente quando uma visão de mundo oposta significa para si uma ou mais instâncias do ecossistema (água, o solo, a vegetação, a fauna, etc.) e, a partir desta significação, afirma seus interesses e formas próprias de interagir com o ambiente - em detrimento de outros sujeitos com suas respectivas visões de mundo e ações características sobre o meio ambiente.

Um fato que tem motivado novas lutas e reivindicações é a crescente escassez e/ou esgotamento dos recursos naturais (LITTLE, 2006, p.87; LITTLE, 2001, p. 112; ACSELRAD, 2004, p. 7-8; ZHOURI, 2006, p. 143). No caso do MST, teríamos duas visões distintas sobre os *serviços ecossistêmicos*, isto é, sobre o uso da terra e seu *telos* em face dos problemas acima apresentados. Antes, porém, é preciso compreender em que âmbito de complexidade está intrinsecamente ligado as questões ambientais, do ponto de vista dos conflitos socioambientais: de como os discursos orientam o uso dos recursos; quais significados intersubjetivos estes têm para a comunidade; como as *formas modernas*¹¹ de interação com o ambiente (DA SILVA, 2011, p. 11-12), na perspectiva de extração e produção capitalista de recursos não apenas desencadeia sua degradação, mas ameaça comunidades inteiras em seu modo de vida e processos de sustentabilidade.

Segundo Acselrad (2004, p.7),

os objetos que constituem o “ambiente” não são redutíveis a meras quantidades de matéria e energia pois eles são culturais e históricos: os rios para as comunidades indígenas não apresentam o mesmo sentido que para as empresas geradoras de hidroeletricidade; a diversidade biológica cultivada pelos pequenos produtores não traduz a mesma lógica que a biodiversidade valorizada pelos capitais biotecnológicos, etc.

Por causa disso, Little (2001) nos diz que conflitos socioambientais se definem como “disputas entre grupos sociais derivadas dos distintos tipos de relação que eles mantêm com seu meio ambiente” (*idem*, p. 107). E, são esses “distintos tipos de relação com o ambiente” que suscita um conjunto de significados e maneiras de interagir as quais nós denominamos de *tradicionais* – visto que são frutos de

interações sustentáveis como o meio ambiente, desenvolvidas pela comunidade em vista da manutenção da sua existência como métodos compartilhados pelos membros da comunidade através de gerações.

Estas disputas nascem, *grosso modo*, do choque de interesses e visões de mundo opostas direcionados a um dado espaço geográfico socioambiental, em face da sua capacidade de oferecer formas de habitação, serviços da natureza e vínculo socioafetivo caracterizado pela tradição. Ora, “todos os objetos do ambiente, todas as práticas sociais desenvolvidas nos territórios e todos os usos e sentidos atribuídos ao meio, interagem e conectam-se materialmente e socialmente seja através das águas, do solo ou da atmosfera” (ACSELRAD, 2004, p. 7).

Um âmbito da Ecologia Humana que está preocupada em analisar problemas ambientais no contexto sociopolítico, focalizando a identificação dos atores ambientais e os seus interesses específicos. A análise inclui as interdependências e divergências entre os atores nos diferentes níveis no eixo global-local, assim como as diferentes racionalidades que orientam suas ações e, finalmente, os impactos de tais ações na configuração do meio ambiente no local (LASCHEFSKI e COSTA, 2008, p. 308).

No caso do MST em face do seu discurso socioambiental e, sobretudo em defesa de uma agricultura sustentável, agroecológica, De’ Carli (2013, p. 106), observa, portanto, que esse discurso e a adoção da sua prática visam à criação de “[...] um panorama favorável à implementação de modelos alternativos de culturas agropecuárias, dentro de áreas da reforma agrária”.

A natureza política da terra em face dos conflitos socioambientais

Segundo dados do MST, esse movimento “está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país. No total, são cerca de 350 mil famílias que conquistaram a terra por meio da luta e da organização dos trabalhadores rurais”. Tal fenômeno pode ser interpretado visando determinar, quase sem margem de erro, o tamanho da exclusão socioambiental no Brasil. Destarte, segundo Zhouri, (2008, p. 103), “a arbitrariedade das decisões rompe com esse suposto consenso e resulta em obras que causam graves conflitos sociais e ambientais”. No Nordeste, a luta é também expressiva sendo que o estado de Pernambuco é onde ocorrem ações bem sucedidas, estando a Bahia, Alagoas e Sergipe em ordem decrescente em números percentuais de ocupações e famílias assentadas (Tabela 01).

Tabela 01 - Número de ocupações e de famílias por Estado e Macrorregiões 1988 – 2004

Região/UF	Nº Ocupações	%	Nº Famílias	%
NORDESTE	1704	38,71	247.396	37,04
AL	184	4,18	29.527	4,42
BA	275	6,25	48.784	7,30
PE	755	17,15	100.923	15,11
SE	69	1,57	14.369	2,15

Fonte: Bancos de Dados da Luta pela Terra (Dataluta); NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária

Em 2002, havia em Alagoas, vinte oito assentamentos¹² com 2.897 famílias assentadas; e em 2004, dezessete assentamentos com 3.029 famílias assentadas¹³. A Mata Alagoana está em 6º lugar em número de ocupações, como 88 ocupações e 17.766 famílias assentadas, segundo dados da CPT - Comissão Pastoral da Terra – 1988 – 2004.

A partir desses dados é possível aferir acerca da necessidade da terra por parte de um pequena parcela de alagoanos conscientes dos seus vínculos sociais, culturais e, sobretudo, econômico com o meio ambiente. O entendimento dessa dinâmica interna, do conflito, inclui a identificação das polarizações das posições e o mapeamento das alianças e coalizões (...) (LITTLE, 2006, p. 92).

Quando se relaciona conflito socioambiental e MST é preciso compreender os sentidos da categoria *terra* no âmbito do que representa o meio ambiente como um todo para os trabalhadores rurais. É possível tirar desta categoria duas dimensões necessárias, a saber, a do *lugar de habitar* (DA SILVA *et al.*, 2015, 2014a, 2014b, 2014c, 2011) e *serviços da natureza* (GRETCHEN, 1997) para a *terra* como unidade de conservação da existência da comunidade e do próprio ecossistema onde estão. Segundo Borges (2014, p. 131), “terra é um conceito que se define contextualmente. Daí a importância de observarmos quais atributos acompanham o termo terra para entendermos seus significados ao longo da história e suas diferentes formulações no presente”. Assim, os sentidos da terra para o MST não são os mesmo para outros grupos. Porém, os sentidos do *lugar de habitar*, ou seja, a terra é tão mais rica de significados quanto maior a consciência de uma comunidade acerca das relações de sobrevivência, de sentidos identitários e copertença advindas desta *terrae mater* que também somos. Em outras palavras:

[...] no trabalho de definir o termo terra somos convocados a nos colocarmos como formuladores ativos de seu significado, em uma relação em que na determinação do conceito, somos nós mesmos tão ou mais importantes que a própria coisa ou fenômeno ao qual a palavra pretensamente evocaria de modo unívoco ou espontâneo. (BORGES, 2014, p. 131)

Portanto, a terra como *lugar de habitar* onde estão disponíveis os *serviços da natureza* são dimensões indissociáveis para a sobrevivência, para realização identitária e de pertencimento defendidos por meio da luta (luta com a terra, com o outro, consigo mesmo) como conflito característico político no âmbito do socioambiental – luta necessária.

Desta forma:

[...] conflitos ambientais são importantes para a formulação das políticas e diretrizes que envolvem a construção da gestão e do manejo das unidades de conservação, pois, em última análise os conflitos refletem o processo histórico das lutas sociais e da transformação econômica na construção de espaços geográficos (BRITO, 2008, p.3).

A luta reivindicativa do direito pela terra por parte dos trabalhadores rurais é, além da sua autenticidade, daquilo que reivindicam e da forma como o fazem, um conflito político socioambiental tipicamente brasileiro, naquilo que tange à desigualdade econômica e social estreitamente ligada às dimensões étnicas características de Alagoas. Um exemplo disso é que no final da década de 90, segundo Lages e Ramos (1999, p.43):

[...] 10% dos mais ricos nesse Estado detêm 7,9 vezes mais renda do que os 40% mais pobres. Estes 40% mais pobres detêm apenas 6,88% da renda total, enquanto os 10% mais ricos detêm 54,03%. Isso significa, sem dúvida, uma das piores distribuições de renda no país e até no mundo (p.43).

Neste sentido, os conflitos socioambientais podem ser definidos como uma ação política de determinado grupo, por vezes étnico¹⁴, sobre o tipo de uso do meio ambiente em vista da manutenção da sua vida social, cultural, econômica e existencial.

Fernandes (2000, p. 281):

[...] A ocupação da terra é uma forma de intervenção dos trabalhadores no processo político e econômico de expropriação [...] Criminalizar as ocupações [...] é condenar as famílias sem terra que lutam pela recriação de suas existências como trabalhadores. E aceitar os interesses dos latifundiários e o processo de intensificação da concentra da terra.

A região que abarca os povoados do município de Delmiro Gouveia apresenta também tipos de conflitos socioambientais - elemento central da ecologia política reconhecida por Little (2006, p. 88). Por exemplo, em 2007, 1600 trabalhadores rurais assentados em Delmiro Gouveia (e ainda em Olho d'Água do Casado e Piranhas) foram prejudicados pela interrupção da obra de instalação de uma adutora de uso múltiplo que levaria água potável para os respectivos assentamentos.

Os objetivos acordados entre os trabalhadores rurais tinham como base um investimento na agricultura familiar que é, por assim dizer, a base da economia de subsistência e, porque não, da economia solidária – demonstrada pela produção, comércio e venda de produtos agroecológicos – discurso e práxis muito defendidos pelo Movimento (MST, 2015; AGENDA BRASIL, 2014; DE' CARLI, 2013;).

Por exemplo, segundo De' Carli, (2013, p. 106):

No Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) instituiu em seu discurso a agroecologia enquanto bandeira política a fim de se contrapor ao modelo agrícola hegemônico e também como oportunidade de se integrar aos debates globais acerca do desenvolvimento sustentável.

Em Alagoas, um resultado desse conflito socioambiental é que em 12 de novembro de 2008, cerca de 300 assentados ocuparam a Central de Abastecimento e Saneamento de Alagoas (CASAL) em Delmiro Gouveia, exigindo a regularização do abastecimento de água para os assentamentos da região. Destarte, abaixo, na *Tabela 01*, vemos oito povoados de trabalhadores rurais que, mesmo pela proximidade geográfica com o Rio São Francisco, a dificuldade de obtenção de água potável é apresentada.

Tabela 02 - Assentamentos nos povoados do município de Delmiro Gouveia

Nome	Capacidade	Famílias Assentadas	Área	Criação	Fase
Povoado Peba	09	08	10	01/01/1989	Estruturação
Genivaldo Moura	90	81	1948.7685	10/09/2007	Criado
Bom Jesus/Talhado	85	85	1119.7778	27/04/2005	Criado
Xingozinho	30	30	495.4545	28/12/2004	Em Instalação
Jurema	48	46	252.3327	05/02/2001	Em Instalação
Lameirão	46	38	1633	19/10/1992	Consolidação
Bezerros	70	66	1032.9834	17/11/2004	Em Instalação

Fonte: INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, 2015

O caso da água como fator de ocorrência de conflitos socioambientais no alto-sertão das Alagoas é um caso típico, tanto pela ausência de recursos para captação de modos próprios da água do rio como da ausência total de nascentes nas proximidades dos povoados estudados aqui, bem como a pequena presença de cisternas que, mesmo ocorrendo, não é suficiente para o abastecimento d'água para a agricultura familiar. Outra medida tendo o mesmo foco de reivindicação foi uma ocupação de uma área às margens do Canal do Sertão¹⁵ por cerca de 1.500 integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais

Sem Terra (MST), no intuito de pressionar os governos estadual e federal por desapropriação de terras e cobrar um posicionamento para utilização da água do canal de forma mais democrática.

Diz-se que é o MST é um Movimento político-social – e nisso esquecem a base do seu objetivo que é a terra. A conquista social da terra é configurada pelo desejo de reforma agrária e, *o uso social da terra, denominamos de relação socioambiental*. Portanto, se faz necessário ver o MST não apenas como um Movimento sociopolítico – e isto não o caracterizaria com a devida clareza -, mas como um Movimento político socioambiental. Mesmo que não ouçamos constantemente um discurso direto e puramente ecológico, da parte deste Movimento, seu *telos* se caracteriza pela valorização da terra, isto é, como meio ambiente em suas possibilidades de uso; da compreensão das disponibilidades de *serviços ecossistêmicos* no âmbito das possibilidades desenvolvidas do semiárido nordestino em Alagoas. Com efeito, os processos de convivência e das experiências exitosas nesse bioma demonstram o aspecto socioambiental e ecológico *in nuce* na Política deste Movimento, ao mesmo tempo em que evidencia a “ignorância” de algumas autoridades e instituições.

As engrenagens dos conflitos socioambientais do MST por alguns prismas¹⁶

Como foi dito, os conflitos socioambientais nos quais os trabalhadores rurais estão engajados requer uma abordagem diferenciada e cautelosa que se distancie de generalizações e simplificações políticas. Nesta tentativa, as entrevistas tomaram como questionamento, *qual sua opinião sobre a luta camponesa do MST*. Um professor universitário alagoano afirmou que:

A luta pela reforma agrária é necessária. Trata-se de resolver a questão alimentar no Brasil, pois é a agricultura familiar que produz o alimento que chega a mesa dos brasileiros. O latifúndio produz para exportação de commodities. Infelizmente o Brasil está atrasado neste aspecto. As principais economias capitalistas do mundo já realizaram a reforma agrária. No Brasil, um punhado de famílias controla todas as terras. Assim, a luta do MST se torna completamente justa.

É possível compreender nesta afirmação os profundos e intrincados aspectos socioambientais e político, considerando, através da *agricultura familiar* (que é talvez a expressão mais genuína do socioambiental) as diversas maneiras de interagir com o ambiente visando sua subsistência e produção. Segundo o relato de uma professora do município de Delmiro Gouveia.

A luta camponesa no Brasil deveria significar a busca por uma reforma agrária de verdade. Que Valesse a pena e que incentivasse o "homem do campo", que melhorasse todos os tipos de cultura, que incluísse programas de apoio à agricultura, incluindo formação profissional e diminuição do desperdício. Mas infelizmente não é assim...

Assim, quando se fala em “reforma agrária”, não se diz apenas divisão política de um pedaço de chão, de um *topos*, mas também de condições favoráveis para um grupo de pessoas culturalmente ligadas a terra desenvolver seu modo socioambiental de existência, desenvolver suas territorialidades socioecológicas. Para um professor do município de Delmiro Gouveia, segundo ele, “conhecedor dos dilemas, agruras e conquistas do pessoal do MST em Delmiro Gouveia”, diz que:

Sinceramente se não fossem os movimentos, só existiria esse negócio de “resistência” e “resistência”, sem falar nos partidos políticos. Penso que movimentos como o MST

tem coragem de falar e mostrar o que tá errado no Brasil. Se dá a cara pra bater, o movimento também desmascara.

Na fala acima, o professor tem a percepção de movimento com ação contra-hegemônica anti os poderes instituídos no Brasil. Entendemos assim, o conceito de resistência como uma instância de forças que busca manter-se em seu estado ideológico de ação na defensiva contra as ofensivas do capital especulativo latifundiário, a agroeconomia, entre outros. Destarte, os movimentos sociais no Brasil aglutinam força, não apenas de resistência mais de ação direta com desempenho reivindicativo visíveis.

No caso do que alguns alunos pensam sobre isso, a *Tabela 03* apresenta descrições feitas pelos alunos voluntariados¹⁷ sobre o MST na Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva (2º E. J. A.); e 3º E. J. A.), num intervalo na aula de Arte que um dos autores leciona.

Tabela 03 – *Descrições dos alunos e alunas do E.J.A.*

Idade	Sexo	Descrição
19	M	São trabalhadores que ocupam terra para a produtividade.
40	M	Causa própria e terra para viver.
19	F	Pessoa que se reúne para invadir terreno para fazerem casas pra eles mora.
30	F	São Pessoas sem teto a procura de terrenos para construírem suas casas.
20	M	...acho errado que eles faz como roubar quer toma as coisas dos outros, etc.
38	F	Uma forma [...] para poder lutar pelo que realmente sabem fazer.
23	F	Movimento que tem como objetivo ganhar um espaço onde se possa plantar e colher e assim sobreviver.
52	F	É o movimento sem terra onde as pessoas buscam moradia para viver.
19	F	MST dá mais palavras que as pessoas imagina.
30	M	Não acho certo uma parte, porque eles entram nos territórios dos outros. Outro lado bom porque tem muita gente que tem demais e outros precisando quando eles se alojam para eles é uma vitória tem arrumado onde viver.
19	F	O MST é um grupo de ocupação de terras paradas sem produção e aí os trabalhadores começam a produzirem a lavoura na terra e começam a fazer da terra um novo cenário de vida com novas plantações.
26	F	Pessoas que precisam de moradia e de terra pra plantar.
24	F	Um movimento que começa com os projetos mas nunca tem resultados porque as ajudas são muito pouca que faz força para ajudar os que faz parte.
41	M	Para mim as pessoas se aproveitam disso para fazer baderna.

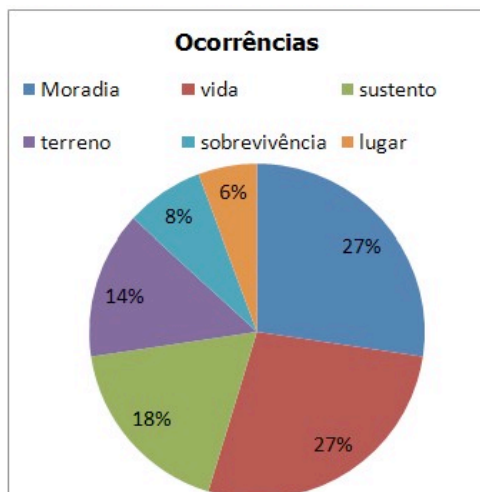
Fonte: Dados dos autores.

A partir das descrições da tabela 03, é possível compreender diversos níveis sociais de discussão, onde perpassam opiniões do senso comum advindas de formulações mais rasas da opinião pública, assim como por outro lado, um discurso que tem sintonia com as propostas dos movimentos dos trabalhadores rurais. Todos conceberam a categoria *terra* como um lugar para morar, “moradia para viver”, lugar “para fazerem casas pra eles morar”, “terrenos para construírem suas casas” – sempre com uma finalidade habitacional, mas sempre tendo em vista o grupo dos trabalhadores rurais como despossuídos de terra. Ainda, a terra é concebida como espaço, terreno, lugar demarcado pela justa medida da conquista, como de produção de alimentos para a subsistência.

Os Gráficos 01 e 02 apresenta em percentual, as palavras mais utilizadas para descreverem os sentidos à luta dos camponeses pela terra e a importância da terra como meio ambiente. Os dados foram coletados em aula de geografia entre alunos e alunas do 6º ao 9º ano da Escola de Educação Básica José Bezerra da Silva, no Bairro Pedra Velha. Entre sem alunos que responderam o questionário, havia entre

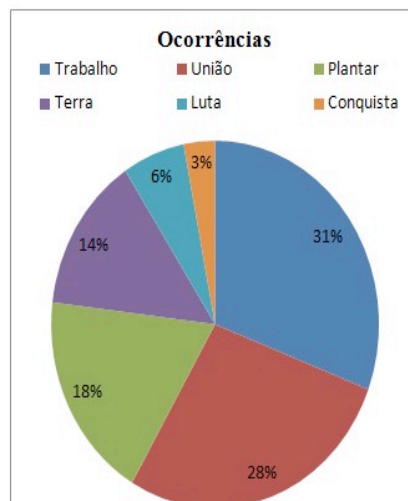
eles, adolescentes dos povoados Peba, Lameirão e Jurema. As questões apresentadas foram: *quais as palavras que definem para você o significado da terra* (Gráfico 01) e *os sentidos da terra como meio ambiente*:

Gráfico 01- *Os sentidos à luta pela terra.*



Fonte: dos autores

Gráfico 02 - *A terra como meio ambiente.*



Fonte: dos autores

É possível compreender, no contexto dos dados coletados, a partir dos gráficos 01 e 02 acima, que os sentidos de luta pela terra e da importância da terra como meio ambiente são, por assim dizer, sinônimos. Ao inferir as tabelas, vemos que a relação entre *trabalho* e *moradia*, para os membros do movimento dos trabalhadores sem terra, é significativa; para os alunos envolvidos na pesquisa, há sempre uma forte relação entre tais categorias, bem como entre “sobrevivência” e “luta”, “vida” e “união”, “plantar” e “sustento”, “terreno” e “terra”. No entanto, ao relacionar “terreno” e “terra”, vemos uma homologia quando o sentido é conquista e posse de um lugar para morar e, onde a perspectiva maior seria a reforma agrária – tema demasiadamente complexo como conflito socioambiental e que exige um momento maior de discussão.

Considerações finais

O conceito de “socioambiental” nos faz compreender a *inseparabilidades* entre homem e meio ambiente e ainda, da sua articulação por vias políticas, sociais e culturais como uma característica própria desta interação homem/ambiente – a luta.

Levantamos a discussão sobre a configuração contemporânea de conflitos socioambientais, reunindo estudos sobre as diferentes formas de percepção, acesso, domínio e gestão da natureza, considerando as relações de poder daí decorrentes, no âmbito da luta pela posse da terra e dos sentidos que esta suscitaria para os trabalhadores rurais sem terra e para uma parcela da sociedade.

A relação entre a legislação ambiental e territorial e políticas públicas dela decorrentes dos conflitos socioambientais representa a afirmação de novas territorialidades (luta pela reforma agrária, terras de quilombos, Reservas Extrativistas, Reservas de Desenvolvimento Sustentável etc.) e de atores

sociais estritamente ligados ao meio ambiente. Neste sentido o MST e a reforma agrária proporcionam grandes desafios ao campo de estudo dos conflitos socioambientais.

Nesse contexto, compreendemos em alguma medida que os sentidos de luta pela terra estão relacionados aos sentidos que os sujeitos dão a terra e esta é uma questão que deve ser considerada quando se fala de conflito socioambiental. Para melhor compreendermos tais questões, basta saber que a luta pela terra, no contexto do semiárido nordestino, em Alagoas, nos povoados do município Delmiro Gouveia, se depara com duas forças desafiadoras: a) a “política dos coronéis” e a negação da sociedade (um problema social da posse do ambiente e o outro da legitimação social da posse); b): a natureza (um desafio para a convivência ambiental sustentável). Nesse aspecto, tratar de conflitos socioambientais na perspectiva do alto-sertão das Alagoas em face do seu semiárido como categoria política e ecológica, urge uma investigação e discussão contextual singular e, por assim dizer, ainda pouco desenvolvida. Aqui tentamos apenas esboçar tal proposta, no intuito de provocar a inspiração de outros pesquisadores mais abalizados.

Referências

- ACSELRAD, Henri (Org.). *Conflitos Ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2004.
- AGENDA BRASIL. *MST defende reforma agrária com ênfase na agroecologia*. Cessão Direitos Humanos. 04 de novembro de 2014. <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-11/mst-defende-reforma-agraria-com-enfase-na-agroecologia>> acesso em 04 de março de 2015.
- AGÊNCIA ESTADO. *MST liberta secretário de Agricultura de Alagoas*. <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,mst-liberta-secretario-de-agricultura-de-alagoas,20030204p34577>>. Acesso em: 6 outubro. 2014.
- ALAGOAS 24 HORAS. *MST termina três bloqueios nas rodovias em Alagoas*. <<http://www.alagoas24horas.com.br/conteudo/?vEditoria=Interior&vCod=17970>>. Acesso em: 6 outubro. 2014.
- BORGES, Antonádia. In. SANSONE, Livio & FURTADO, Cláudio Alves (org.) *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa*. EDUFBA, Salvador, 2014
- BRITO, D. M. *Conflitos em unidades de conservação*, PRACS: Revista Eletronica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Amapá, n.1, p. 1-12,dez. 2008. Disponível em <<http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/viewArticle/10>>. Acesso em 02 agosto de 2014
- BURSZTYN, Marcel. *O poder dos donos*. 3. ed. Riode Janeiro: Garamond, 2008
- COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. *MST ocupa Prefeitura em Alagoas*. <<http://www.cptpe.org.br/modules.php?name=News&file=article&sid=665>>. Acesso em: 6 outubro. 2014.
- CONFLITO AMBIENTAL - FIOCRUZ. *AL - MST enfrente violência e ocupa estradas e órgãos públicos para vencer as elites rurais, cobrar justiça e conquistar infra-estrutura e serviços básicos para os assentamentos do Alto Sertão de Alagoas*. <<http://www.conflitoambiental.iciet.fiocruz.br/index.php?pag=ficha&cod=143>> acesso em 15 de dezembro de 2014
- DA SILVA, Wellington Amâncio; DOS SANTOS, Juracy Marques. *Movimentos sociais e Educação Indígena na contemporaneidade—as representações acerca da terra e da educação*. Cadernos do Tempo Presente, n. 18, p. 15, 2015.
- _____. MARQUES, Juracy. *Povoado Cruz - contribuições aos estudos dos quilombos*. Revista Gestão Acadêmica, v. 1, n. 2, p. 147-160, 2014a.
- _____. *Representations of Nature in Human Culture*. American Journal of Human Ecology, v. 3, n. 1, p. 10-16, 2014b.

_____. *Et alii. Territórios e Territorialidades - os significados do lugar de habitar*. Anais do 2º Seminário Internacional de Ecologia Humana. Volume 1, Número 1. Salvador, v. 1, n. 1, p. 282-293, 2014c.

_____. MARQUES, Juracy. *Ecologia Humana no contexto do semiárido nordestino*. São Paulo: Perse Editora/Edições Parresia, 2014d.

_____. *As Três Alteridades - Inter-relações entre o Eu, o Outro e a Natureza*. Lisboa: Lulu.com, 2011.

DE' CARLI, Caetano. *O discurso político da agroecologia no MST: O caso do Assentamento 17 de Abril em Eldorado dos Carajás, Pará*. Revista Crítica de Ciências Sociais. 100/2013, DOI : 10.4000/rccs.5245. p. 105-130 <<http://rccs.revues.org/5245>> Acesso em 04 de março de 2015

EJATLAS. *Waste dump, Gameleiro in Olho Dagua das Flores, Brazil*. <<http://ejatlas.org/conflict/waste-dump-gameleiro-in-olho-dagua-das-flores-brazil>> Acesso em 09 de Janeiro de 2015

FERNANDES, Bernardo Maçano. *A formação do MST no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GRETCHEN, C. Daily. *Nature's Services - societal dependence on natural ecosystems*. Washington D. C.: Island Press, 1997.

HAWLEY, H. *Human ecology: a theory of community structure*. New York: Ronald, 1950.

LAGES, Víncius Nobre; RAMOS, Vanda Ávila. *Além da conquista da terra: a sustentabilidade dos assentamentos em Alagoas*. Maceió: Prodemá UFAL, 1999.

LASCHEFSKI, Klemens e COSTA, Heloisa Soares de Moura. *Segregação Social como Externalização dos Conflitos Ambientais: A Elitização do Meio Ambiente na APA-Sul, Região Metropolitana de Belo Horizonte*. Ambiente e Sociedade, Campinas V. XI, nº2, pg.451-463, jul-dez, 2008.

LITTLE, Paul Elliot. *Ecologia Política como Etnografia: Um guia teórico e metodológico*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, nº 25, p. 85-103, jan/jun. 2006.

_____. Os Conflitos Socioambientais: um Campo de Estudo e de Ação Política. In. BURSZTYN, Marcel (Org.) *A Difícil Sustentabilidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

MORAN, E. *Adaptabilidade Humana*. São Paulo: Edusp, 2010.

MORAN, Emilio F. *Meio Ambiente e Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Senac, 2011.

MORAN, E. & OSTROM, Elinor. *Ecossistemas Florestais – interação homem-ambiente*. São Paulo: Editora Senac, 2009.

MORAN, Emilio F. *Nós e a Natureza – Uma introdução às relações homem-ambiente*. São Paulo: Editora Senac, 2008.

MORAN, Emilio F. *A Ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA *Trabalhadores se mobilizam em Alagoas contra a violência e a impunidade*. <<http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=4574>>. Acesso em: 6 outubro. 2014.

_____. *No sertão alagoano, MST se mobiliza e cobra agilidade da Justiça*. <<http://www.folhadaregiaio.com.br/index.php>>. Acesso em: 6 outubro. 2014.

_____. *Sem Terra ocupam central de abastecimento no sertão de AL*. <<http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=5341>>. Acesso em: 6 outubro. 2014.

_____. *Agrotóxicos e agroecologia, diferentes paradigmas em disputa - Em entrevista, Fernando Carneiro analisa o atual cenário políticos e suas contradições* <http://www.mst.org.br/2015/02/10/agrotoxicos-e-agroecologia-uma-questao-tecnica-nao-paradigmas-diferentes-em-disputa.html>. Acesso em 04 de Março de 2015.

SCHMINK, Marianne; WOOD, Charles H. *The "political ecology" of Amazonia*. In: LITTLE, P. D.; HOROWITZ, M. M.; NYERGES, E. (Ed.). *Lands and risk in the Third World*. Boulder: Westview Press, 1987. p. 38-191.

Zhour, Andréa. *Justiça ambiental, diversidade Cultural e accountability - Desafios para a governança ambiental*. RBCS Vol. 23 n. 68 outubro/2008. p. 98-194.

_____. *O ativismo transnacional pela Amazônia: entre a ecologia política e o ambientalismo de resultados*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 139-169, jan./jun. 2006

- ¹ Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – Universidade do Estado da Bahia-UNEB/PPGEcoH (*Campus VIII*). Está vinculado ao Grupo de Pesquisa “Ecologia Humana” – UNEB/CNPq. Núcleo de Estudos em Comunidades e Povos Tradicionais e Ações Socioambientais (Nectas) UNEB/CNPq. Email: welliamancio@hotmail.com
- ² Doutor com título obtido em 2005 em Socio-économie du Développement pela EHESS - École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris e doutorado em Sociologia Económica e das Organizações pelo ISEG-Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa. Pós-Doutor em Estudos Culturais Comparados no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (2007-2012). Pesquisador e fundador do Núcleo de Estudos Socioeconomia do Desenvolvimento Sustentável – Universidade do Estado da Bahia-UNEB/CNPq. Email: felicianomira@hotmail.com
- ³ Em 06 de maio, cerca de 200 famílias assentadas no alto sertão alagoano ocuparam a sede da Companhia Energética de Alagoas (CEAL), em Delmiro Gouveia.
- ⁴ Tentaremos seguir aqui o modelo do EJATLAS, reproduzindo alguns dos seus subtópicos e adequando-os à realidade estudada.
- ⁵ EJATLAS. *Tipo de população envolvida (Type Of Population)*. Ver referências.
- ⁶ EJATLAS. *Tipologia de conflito em primeiro nível (Type of Conflict - 1st level)*.
- ⁷ EJATLAS. *Intensity of Conflict (at highest level)*.
- ⁸ Entre 2005 e 2006 o MST alagoano sofreu duas importantes perdas. Em 29 de novembro de 2005, o militante Jaelson Melquíades foi assassinado. Em agosto de 2007, o sem terra Iranildo Manoel, conhecido como Nininho, 37 anos, foi baleado com cinco tiros quando se aproximava de um assentamento na cidade de Delmiro Gouveia. Em fevereiro de 2008, nove militantes dos MST saíram gravemente feridos de um confronto com homens armados a serviço do proprietário da Fazenda Lagoa Comprida, em Piranhas, durante uma tentativa de ocupação do imóvel. Na ocasião, doze homens armados invadiram o acampamento José Faustino e deixaram dezesseis pessoas feridas. O caso foi encaminhado para a delegacia de polícia de Delmiro Gouveia. Fonte. CONFLITO AMBIENTAL/ICICT/FIOCRUZ.
- ⁹ E nesse aspecto se concentra a *justiça ambiental* de direito da posse da terra como recurso ecológico. Ver: EJATLAS - *Environmental Justice Atlas*.
- ¹⁰ Quando falamos em cultura, queremos, antes de tudo dizer que esta é um processo das interações humanas com o ambiente onde a comunidade desenvolveu exitosos processos de adaptação. Assim, acreditamos que quanto maior for a adaptabilidade de uma comunidade ao *lugar de habitar*, maior será sua culturalidade. No caso dos Trabalhadores rurais Sem Terra, atual pela condição geral de reivindicação e não de posse gerada terra, sua cultura se caracteriza pela luta do tipo “*comunista*” camponesa e não ainda estabelecida como *étnica* – está última possível de ser vivenciar entre os trabalhadores sem terra assentados.
- ¹¹ As formas positivas (comteanas) de relação com o meio ambiente orientadas por uma epistemologia de uso tecnocientífico dos recursos tem como paradigma a visão cartesiana de mundo, sobretudo em sua inesgotabilidade.
- ¹² Segundo Dicionário Eletrônico Houaiss (2004), assentamento é um “núcleo de povoamento constituído por camponeses ou trabalhadores rurais”. A princípio um espaço de transição e lugar de resistência e recomposição de um modo de vida anteriormente constituído. O êxito de um assentamento corrobora para a sua transformação em lugar de habitar definitivo como o que ocorreu com os 07 povoados no município de Delmiro Gouveia.
- ¹³ Dados de 2006 fornecido pelo MST.
- ¹⁴ Geralmente se diz que o étnico é o atributo de grupo caracterizado por cultura específica; também se tipifica, antes de tudo, pelos tipos de vínculos que o homem tem com a terra – vínculos estes anteriores a *cultura* que, por sua vez, é um processo das interações humanas com o ambiente localizado. Entenda-se também que como étnico as comunidades tradicionais e grupos humanos, por assim dizer, ligados funcionalmente e existencialmente a terra. Deste modo, a terra é o fundamento étnico de um tipo de cultura.
- ¹⁵ Isso se deu no dia 28 de novembro de 2013. Fonte: TV Gazeta.
- ¹⁶ Aqui, gostaríamos de dar uma pequena amostra da percepção das pessoas sobre o tema abordado. Num segundo momento de pesquisa, pretendemos ampliar o campo amostral e os dados de pesquisas.
- ¹⁷ Numa sala com 32 alunos (2º E. J. A.); e outra com 27 alunos (3º E. J. A.), obviamente, não foi do desejo de todos (as) responderem o questionário, sendo que num total de apenas 14 de ambas as salas.

Recebido em: 13/04/2015

Aceito em: 16/07/2015